

1 Introdução

*“Fisicamente, habitamos um espaço
mas, sentimentalmente,
somos habitados por uma memória.”
José Saramago*

O casarão construído em estilo germânico e situado na Praça Dermeval Barbosa Moreira, centro e coração do município de Nova Friburgo, chama atenção por sua beleza, imponência e história. É impossível passar por ali e não admirar sua torre alta, remetendo às antigas construções europeias, e o contraste arquitetônico que hoje provoca em meio aos prédios e às modernas edificações que o cercam, abrigando supermercados, bancos e lojas.

Chamar atenção e ter os olhos voltados para si em diferentes momentos parece ter sido, sempre, um dos papéis do lugar. Desde o projeto de sua construção, o prédio envolveu disputas e assumiu posição de destaque não apenas na paisagem friburguense, mas especialmente em sua história educacional. Muitos moradores da cidade, que transitam cotidianamente pelo centro, passam diante do prédio sem sequer imaginar que suas paredes abrigam histórias e que em suas salas muitos construíram (e constroem...) sua experiência com a escola, com o aprender e com a profissão docente.

Inaugurado em 1933 para abrigar o Grupo Escolar Ribeiro de Almeida, é nele que funciona, desde 1985, o Instituto de Educação de Nova Friburgo (IENF), objeto da investigação aqui relatada. Muitos, porém, ainda o reconhecem por seu primeiro nome em Nova Friburgo. O “antigo Ribeiro de Almeida” ainda é a maneira mais própria de localizar/reconhecer o prédio, especialmente entre os moradores mais velhos da cidade.

Confesso que não me lembro exatamente como cheguei àquele lugar. Mas dele trago as marcas de uma vivência intensa, difusa e nem sempre agradável. Como muitos/as outros/as que viveram a experiência de ser aluno/a no IENF nos primeiros anos após sua criação, minhas lembranças dos quatro anos passados lá cursando a formação de professores/as em nível médio (então 2º grau) e os estudos adicionais em Educação Pré-Escolar ajudaram a moldar em mim uma maneira de ver, pensar e agir em educação.

Hoje, após mais de duas décadas distante daquele espaço e acompanhando de longe as mudanças pelas quais passou – o curso de formação de professores/as em nível médio e o próprio Instituto – revisito minhas lembranças e experiências tomando novas lentes construídas a partir do que Oliveira (2000, p.19) denomina “*domesticação teórica do seu olhar*”. Seria impossível visualizar esse campo de pesquisa que se abre para mim sem ter como pano de fundo um esquema conceitual que me coloca diante dele, como diria Bourdieu (2009), desconfiando do que me parece comum e conhecido. Essa *conversão do olhar*, tomando como referência a análise sociológica, me proporciona um novo ponto de vista, e a partir dele percebo que vivi uma experiência ímpar, às vezes dolorosa, que me ajudou a forjar minha aderência¹ à docência e a ser quem sou, marcando uma construção identitária singular.

Por razões distintas, não parece ter sido possível a qualquer um/a – docente ou discente – passar pela experiência de criação do Instituto de Educação de Nova Friburgo incólume, sem aprender e, ao mesmo tempo, “aprender-se”. Viver o IENF naquele momento exigiu posicionar-se. Contra ou a favor, apoiando ou debatendo os princípios defendidos por seus idealizadores, todos/as aprendemos, antes de tudo, a nos comprometermos com aquilo que sentíamos e pensávamos. E muitos/as – inclusive eu – não percebíamos o papel central que tal experiência assumiria em nossa formação profissional. Num contexto de reabertura e redemocratização políticas após longos anos de ditadura militar, e de um governo estadual que se afirmava popular e anunciando a educação como seu foco principal, o Instituto nasce buscando ser uma escola diferente: progressista, democrática, de base piagetiana, apregoando princípios como liberdade, respeito e autonomia.

Memórias, práticas e sentidos. São esses os princípios e fios condutores dessa investigação cujo objeto é a constituição do Instituto de Educação de Nova Friburgo como instituição educativa e seu papel na formação profissional de professores/as em nível médio, especialmente em seus primeiros anos de existência. Objetivando problematizar e compreender a criação do IENF no

¹Mury (2011b) define como aderência o processo através do qual o/a professor/a se reconhece na profissão, através de seu processo de formação e/ou já na prática docente. No estudo, a docência não aparece como uma escolha *a priori*, mas uma construção realizada na medida em que o contato com a profissão se dá. Nesse sentido, o/a docente vai aderindo à profissão e assumindo-se professor/a; o processo contrário também poderia acontecer, quando a aderência iria se esmaecendo, por fatores diversos, até que o/a professor/a se desligaria da profissão.

contexto educacional e político do Rio de Janeiro nos anos 80, o presente trabalho busca articular os princípios pedagógicos idealizados para o Instituto, concebidos como progressistas e inovadores, e as práticas lá estabelecidas. Tomando como referência as memórias de sujeitos envolvidos na história da instituição – alunos/as, professores/as, gestores/as, comunidade – pretende analisar a criação do IENF para além dos marcos legais e dos ideais firmados, compreendendo os processos de disputa e legitimação que permearam seus primeiros passos em busca de uma identidade institucional.

Por que criar um instituto de educação em Nova Friburgo? Qual a relação dessa criação com o contexto político e pedagógico da época? Que propostas embasaram os primeiros anos de seu funcionamento? Essas questões nortearam inicialmente a pesquisa e a construção dos dados. A tais indagações, outras foram se somando, na medida em que o material empírico ia sendo descortinado: que marcas e sentidos a vivência daqueles primeiros anos do IENF deixaram nos que por lá passaram? Como os ideais e as práticas dialogavam em ação, na concretude do dia a dia escolar? Que rupturas e/ou permanências o estabelecimento do Instituto em Nova Friburgo provocou na formação dos/as futuros/as professores/as naquele momento? Como as percepções externas interferiram na construção identitária da instituição?

O caminho percorrido por essa investigação não foi linear. Ao contrário, entraves e desvios de rota assumiram papel central na construção do próprio objeto de pesquisa. E meu interesse pelo tema da formação de professores/as como foco de pesquisa foi o ponto inicial desse caminho.

Integrando o GEPPE – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Professor e Escola, coordenado pela Prof.^a Isabel Lélis no Departamento de Educação da PUC-Rio, desenvolvi minha dissertação de mestrado sobre o tema da profissionalização docente. Interessada na forma como os professores constroem e se constroem na profissão, ingressei numa escola privada que atendia aos setores populares num bairro da zona sul do Rio de Janeiro a fim de compreender, através das histórias de vida daquele corpo docente, como esse processo de profissionalização era vivido pelo grupo, especificamente marcado por aquele contexto de atuação profissional. Optando por trabalhar com as histórias de vida dos/as professores/as, acessei trajetórias marcadas por uma aderência à profissão docente construída durante seu processo de formação e o exercício da docência, já

que não havia sido uma escolha *a priori*, mas uma opção dentro de um campo de possíveis (MURY, 2011a).

Dentre muitas descobertas realizadas no contato de mais de seis meses com professores/as daquela escola, chamou-me atenção o fato de que aquele grupo não trazia lembranças marcantes de seu momento de formação inicial, vivido para a maioria no chamado Curso Normal – curso de formação de professores/as em nível médio. Em geral, destacava-se apenas aquilo que por eles/as era compreendido como uma distância entre a teoria e a prática: em sua percepção, o que aprenderam no curso não lhes servira como referência na lida com a sala de aula e os/as alunos/as; sua formação se dera, de fato, na prática, a partir de sua inserção na vida profissional.

Minha trajetória de muitas maneiras se afinava às trajetórias daqueles/as professores/as. No que diz respeito à formação, porém, havia uma distância: as marcas de minha experiência como aluna do Instituto de Educação de Nova Friburgo entre os anos 1988-1991 eram fortes. E isso suscitou minha curiosidade. Não uma curiosidade pessoal, mas aquela que instiga à pesquisa e pode promover a reflexão e a construção de novos saberes.

O espaço da formação inicial, em sentido estrito, poderia ser compreendido como aquele em que o sujeito entra em contato com sua profissão e adquire tanto os conhecimentos necessários à sua execução quanto as habilidades exigidas para sua prática. Especialmente no que diz respeito à docência, esse momento da formação parece ser, ainda, aquele em que o/a futuro/a professor/a inicia a construção de sua identidade profissional, preparando-se para a transição do “ser discente” para o “ser docente” (SCHAFFEL, 2000). Nesse sentido, seu papel, embora não conclusivo, seria determinante no processo de aderência à profissão docente.

Na concepção de Canário (2006), a formação profissional é um processo permanente, que coincide com o ciclo vital do sujeito. Nele, o momento da formação inicial tem crucial importância, sendo compreendido como um “*momento forte*” (CANÁRIO, 2005, p.132) nesse processo. Nas sociedades modernas, o trabalho seria, em sua concepção, uma das fontes principais de produção identitária, parte de um processo amplo que abrangeria toda a vida profissional e se apresentaria de formas diversas. Sua intenção, associada à certificação e obtenção de títulos, se estenderia à aquisição de competências a

serem revisitadas e reelaboradas no desenvolvimento profissional docente. Nessa perspectiva, o sentido dado pelo/a professor/a a esse momento de sua formação poderia nos trazer informações a respeito não apenas das práticas e intenções desse processo, mas especialmente do papel que ele cumpre na profissionalização docente.

As questões do presente me levaram, então, de volta ao passado. Buscando coletar informações que alimentassem a curiosidade despertada durante a produção da dissertação, voltei ao IENF em julho de 2010. Já não encontrei rostos conhecidos, mas ao entrar no casarão do centro da cidade e andar por seus corredores, reencontrei um espaço (re)conhecido. Como afirma Bosi (1994, p.65), o ato de lembrar está intimamente ligado ao relevo social que o fato recordado assume na vida do sujeito. Voltar ao espaço em que vivi minha formação inicial trouxe consigo a oportunidade de lançar novos olhos a uma experiência passada, sim, mas constitutiva da minha trajetória e, conseqüentemente, da professora e da pesquisadora que sou. Aquele momento foi fundante na investigação que ora apresento, pois transformou minha curiosidade em questão, e a criação do IENF em objeto de pesquisa.

Ao apresentar-se como sujeito e objeto de sua própria investigação, Bosi (*op. cit.*) chama nossa atenção para o papel do pesquisador como ator que interage e se coloca diante do outro e, ao mesmo tempo, como aquele que busca ir além do que ouve/lê, unindo pontas e construindo sentidos no confronto entre empiria e teoria. Na compreensão de Da Matta (1987, p.157), esse processo é produzido a partir de um esforço de objetivação marcado pelo olhar de quem aceitou o desafio de aprender a “*transformar o exótico em familiar*” e/ou “*transformar o familiar em exótico*”. Aproximar-se e distanciar-se do objeto de pesquisa produz, em última instância, um jogo entre o olhar de dentro e o olhar de fora, um ir e vir que transforma o próprio pesquisador: “*não saímos de uma pesquisa do mesmo jeito que entramos porque, como pesquisadores, somos também atores sociais desse processo de elaboração*” (ZAGO, 2003, p. 307-8).

Tais palavras me vêm com as marcas, impossíveis de serem negadas, de ex-aluna do IENF. Minhas impressões e vivências certamente perpassaram a compreensão que os fatos iam ganhando à medida que o objeto de estudo ia se definindo. Mais que isso, o esforço de *tornar exótico o familiar* dialogando com

minhas próprias concepções sobre essa vivência, ao mesmo tempo que colaborava na ressignificação dos fatos e percepções.

Objetivar minhas próprias memórias, repletas de sentimentos, foi o exercício primeiro a que essa investigação me submeteu. Retomando a ideia de que os dados de uma pesquisa são sempre construídos (BOURDIEU, 2009), compreendo que a realidade não se dá pronta e acabada ao pesquisador. Ao contrário, é no encontro de subjetividades e na busca da objetividade (sem neutralidade) que as informações coletadas no campo de pesquisa se tornam dados e, no confronto com a teoria, elementos de reflexão e de construção de novos conhecimentos.

O primeiro movimento nesse sentido foi o de recorrer ao próprio Instituto como fonte primária de sua história e movimento. Apesar de muito bem recebida pela atual direção, não consegui autorização para acessar seus arquivos e manter contato com alunos/as e professores/as. Esse primeiro passo me fez perceber que a história a ser resgatada poderia ser mais interessante do que se percebia à primeira vista. Assim, recorri a diferentes fontes que me possibilitassem uma aproximação do IENF a partir de outras referências e, sem perceber, penetrei no Instituto se não por suas portas físicas, pela percepção e registro de outros/as que viveram/construíram/se constituíram na história do Instituto.

Se olhar o Instituto com meus próprios olhos não era possível, a experiência daqueles que se formaram lá talvez me permitisse acessar os sentidos dessa formação através de suas memórias. A primeira forma de acesso se deu, então, através de entrevistas, que se transformaram em relatos orais e escritos de ex-alunos/as do IENF.

Os primeiros contatos foram feitos com amigos/as, ex-colegas de escola, hoje também professores/as. A ideia de uma pesquisa a respeito do Instituto foi sempre muito bem recebida, e pude contar com a ajuda preciosa de alguns/mas que foram me enviando os contatos de outros/as amigos/as, numa rede de relações construída a partir desse elemento comum: a vivência do curso de formação de professores/as em nível médio no IENF.

Embora um roteiro² inicial tenha sido pensado, os encontros não se caracterizaram como entrevistas fechadas, com um percurso pré-definido, mas de fato como encontros em que possibilidades de narrativas, tecidas num diálogo que

²O anexo 1 traz o roteiro inicialmente pensado para as entrevistas. Ele foi utilizado, principalmente, para nortear os relatos orais/escritos. Mesmo estes, porém, foram além dele.

girava em torno de um interesse comum (BOSI, 1994; CARDOSO, 2000), foram construídas.

“A pesquisa é uma relação de troca e não um processo de apropriação do outro” (ROMANELLI, 1998, p.127). Logo, a subjetividade é não somente inevitável, mas constitutiva da relação estabelecida entre pesquisador/a e pesquisado/a. Para o autor, os elementos metodológicos e teóricos é que vão, não evitando, mas controlando a interferência dos aspectos subjetivos presentes nesse encontro entre *peessoas* e, especialmente, entre *sujeitos* que ocupam posições sociais construídas no momento e de acordo com as condições desse encontro. Atenta a isso, busquei nessa troca, como preconiza Bourdieu (2009, p.26), utilizar o rigor necessário à pesquisa sem, contudo, cair numa rigidez proibitiva e coercitiva.

Nesse encontro de subjetividades, constituintes da alteridade, a entrevista, transformada em relato, é compreendida como momento de construção de dados acerca das diferentes experiências vividas pelo sujeito e expressas através da linguagem. Esse encontro, quando utilizado como instrumento de pesquisa, possibilitaria captar apenas as representações dos sujeitos acerca da dinâmica social, e não suas formas de conduta. Assim, o sujeito descreveria os fatos vividos por ele e expressaria, ao mesmo tempo, interpretações ou representações³ sobre essas vivências. Sua utilização nessa pesquisa, se justificaria, então, exatamente pela possibilidade de acessar as ideias e interpretações dadas pelos sujeitos às suas próprias vivências e à construção de sua trajetória profissional.

E esse seria o grande desafio: “*articular as representações dos sujeitos com a realidade social na qual eles vivem e onde são produzidas e reproduzidas essas representações que organizam sua prática social e dão significado simbólico a ela*”(ROMANELLI, *op. cit.*, p.132). Sua utilização, no âmbito dessa investigação, pretendia proporcionar uma espécie de “*mergulho em profundidade*” (DUARTE, 2004), através do qual seria possível coletar indícios acerca dos modos como cada sujeito percebe e significa sua própria realidade e suas experiências, permitindo acessar a lógica que organiza as relações de determinados grupos ou campos.

³Para Romanelli (1998, p.129), representações são compreendidas como “imagens, ideias coletivas partilhadas por um segmento específico de pessoas e são constantemente reproduzidas na prática social (...) seu conteúdo é algo em processo”.

Os encontros com ex-alunos/as aconteceram, em geral, nos seus locais de trabalho. A curiosidade inicial era sempre relacionada ao objetivo do trabalho, e muitos expressavam alegria pela possibilidade de ver o momento fundador do instituto revisitado. Outros/as ex-alunos/as, indicados pelos primeiros, já não moravam em Nova Friburgo e, por isso, um encontro com eles seria difícil. Optei, então, por abrir a possibilidade de que os relatos fossem feitos por escrito. Isso ampliou a participação. Ao todo, 19 relatos compõem essa parte da empiria⁴.

Ao penetrar nesse espaço permeado por diferentes sentidos e experiências, questões e lacunas foram se instalando, ao mesmo tempo em que minha atenção foi sendo direcionada para outros aspectos. Diferenças e semelhanças saltavam das narrativas e se mostravam fecundas para a construção do objeto. O encontro com ex-alunos/as do IENF inaugurou a elaboração de um mosaico de informações que, aos poucos, foi tomando corpo e sentido a partir do cruzamento de fontes de pesquisa.

Era notável como alguns nomes se repetiam, todos identificando antigos/as professores/as que, na visão dos/as alunos/as, dentre outras coisas, haviam marcado a criação do IENF e, especialmente, sua concepção pedagógica. Marcas fortes do processo de formação vivido por esses sujeitos apareciam atrelados àqueles que pensaram um instituto de educação para Nova Friburgo, e o protagonismo desses atores nesse processo aparecia de forma vibrante.

Através de referências indicadas pelos/as próprios/as ex-alunos/as, contatei quatro professores/as que atuaram no Instituto na época de sua criação. Dentre eles/as, uma professora que atuou apenas no 1º segmento; dois lecionaram nos dois segmentos; e o outro atuou no curso de formação de professores/as. Além disso, dois deles fizeram parte da direção do IENF em seu momento fundacional. Optei, então, por trazer o relato desses profissionais para o trabalho, considerando-os interlocutores privilegiados já que não apenas viveram intensamente a experiência de criação do IENF, mas também foram atuantes na construção da proposta pedagógica inicial do instituto⁵.

Através desses/as professores/as, tive acesso a documentos originais e autorais que apresentam os ideais que nortearam o projeto pedagógico do IENF no

⁴ Segue em anexo uma caracterização desses ex-alunos/as, também sujeitos da pesquisa.

⁵ Ex-alunos/as e ex-professores/as, colaboradores nessa pesquisa com seus relatos, tiveram seus nomes alterados neste trabalho a fim de preservar sua identidade.

momento de sua criação, bem como propostas práticas para a efetivação dessa concepção na escola. Aquele denominado “*Ideologia*” tornou-se referência principal para a análise realizada, já que apresenta desde o *conceito* do Instituto, até seus *pontos de partida* e os *fundamentos* do trabalho naquela escola. A visão de mundo e de sociedade, bem como a concepção pedagógica em que as práticas do Instituto deveriam estar alicerçadas aparecem descritos ali.

Enquanto os encontros e relatos iam acontecendo e eu me aprofundava no material que tinha em mãos, novas questões iam nascendo. Por indicação de um dos ex-alunos entrevistados, visitei o arquivo do Pró-Memória da Secretaria de Cultura de Nova Friburgo, onde localizei uma série de documentos relacionados à criação do IENF, à antiga Escola Estadual Ribeiro de Almeida e até à construção do prédio que passou a abrigar o Instituto, concebido inicialmente para que nele funcionasse o então Grupo Escolar Ribeiro de Almeida. Esses documentos ajudaram na reconstrução de sua memória e permitiram problematizar e construir novos significados para a resistência estabelecida quando da definição do prédio para abrigá-lo.

Além de documentos oficiais, como o projeto de criação do IENF e ofícios trocados entre a Coordenadoria Regional de Educação e Cultura (CREC) e a então Secretaria de Estado de Educação e Cultura⁶ (SEEC/RJ), acessei uma série de artigos de jornais⁷, que compreendem o período de 13 de março de 1986 até os dias atuais dando notícias sobre o Instituto. A grande maioria desses artigos foram escritos e publicados entre os anos de 1986 e 1989, e dão conta do processo de criação do IENF, bem como das tensões estabelecidas a partir desse fato. Esse material ajudou a construir um recorte temporal para a análise: de 1985, ano em que o Instituto passa a ser arquitetado e as primeiras estratégias para sua execução são levadas a cabo, até 1987, quando as resistências e tensões acabam por afastar a equipe responsável pelo projeto da direção do Instituto.

Esse material, trazendo um olhar de fora sobre os acontecimentos, possibilitou não a comparação de fatos e dados, mas o acesso à percepção da sociedade da época acerca desse momento fundador do Instituto, e em especial

⁶ No período tratado neste trabalho, o governo passaria a contar com uma Secretaria de Estado de Educação e outra de Ciência e Cultura em pastas separadas. Os documentos relacionados à criação do Instituto de Educação de Nova Friburgo anteriores a essa separação, contudo, ainda apresentavam a denominação apresentada aqui.

⁷ Os nomes citados nos artigos e documentos foram mantidos neste trabalho.

das práticas aí estabelecidas. Nesse sentido, tal material mostrou-se essencial para a construção dos dados da pesquisa, fornecendo pistas para a compreensão de como a identidade do IENF enquanto instituição educativa nasce e se constitui marcada por disputas que representavam interesses que iam além do pedagógico, manifestando as opções e tensões políticas do município.

A análise me levou a questionar o momento histórico e político vivido não apenas em Nova Friburgo, mas no Estado do Rio de Janeiro. As concepções do governo relacionadas à educação e especialmente à formação de professores/ascoadunavam com a criação de um Instituto de Educação? Em que contexto legal se deu essa criação, tendo em vista as muitas discussões que envolviam o tema e emergiam no início da década de 80?

Tais questões me abriram um leque de reflexões e a necessidade de penetrar em registros e documentos legais daquele período no Estado. Nesse sentido, a legislação específica relacionada à formação de professores/as no Brasil e especialmente no Estado do Rio de Janeiro na época da fundação do IENF se constituiu como mais uma fonte de pesquisa. Muitos documentos oficiais, localizados no Memorial Darcy Ribeiro, em Brasília, relacionados às políticas do Estado do Rio de Janeiro para a educação na época da fundação do Instituto e aos ideais propagados pelo Governo Leonel Brizola no Estado do Rio de Janeiro, e encabeçados pelo então Secretário da Cultura e Coordenador do Programa Especial de Educação, Prof. Darcy Ribeiro, vieram compor o quadro e construir o contexto dessa criação. Na intenção de estabelecer possíveis relações entre a proposta do IENF e aquela recomendada pelas políticas estaduais naquele momento, o *O Livro dos CIEPs*⁸ foi assumido e utilizado como expressão das ideias elaboradas e defendidas por aquele governo para a educação fluminense.

A utilização da legislação e de outros documentos oficiais como fontes para essa pesquisa não pretende assumi-los como verdades e, sequer, conceber suas indicações como imposições à realidade. Longe disso, a concepção aqui privilegiada é aquela que os compreende como ordenamento jurídico, sim, mas especialmente como linguagem e como prática social (FARIA FILHO, 1998). Nessa perspectiva, importa desmonumentalizá-los (LE GOFF, 2004) e assumi-los em suas várias dimensões, buscando compreendê-los a partir das relações e

⁸RIBEIRO, Darcy. **O livro dos CIEPs**. Rio de Janeiro: Bloch, 1986.

práticas sociais em que são construídos e que ajudam a construir. Acima de tudo, compreendê-los como expressão de desejos e concepções que, no contexto escolar, ganham novos significados na reinterpretação produzida no cruzamento com as práticas aí estabelecidas.

O Instituto de Educação de Nova Friburgo foi criado oficialmente pelo Decreto nº 8.976 de 15 de maio de 1986, a partir da junção da Escola Estadual Ribeiro de Almeida, oriunda do Grupo Escolar Ribeiro de Almeida, fundado na cidade de Nova Friburgo na década de 30, e do Pré-escolar Elisa Teixeira de Uzeda. Utilizando o prédio histórico do antigo grupo escolar, o Instituto teria sido criado objetivando ter nesse espaço a constituição de uma escola de aplicação. Assumi, então, como princípio motivador da investigação a hipótese de que esse momento fundante teria sido crucial para a construção da identidade institucional e, conseqüentemente, para a constituição do *habitus* profissional daqueles/as que viveram (e vivem) sua formação naquele espaço, marcado por concepções e representações instituídas/instituintes em sua cultura escolar (MAGALHÃES, 2004).

Na intenção de problematizar esse processo de criação, a pesquisa se inseriu no conjunto das investigações sobre as instituições escolares, buscando compreender uma instituição específica a partir de uma mesoabordagem e apoiada em referenciais da História e da Sociologia como ferramentas para uma discussão na área educacional. Tendo em vista seu recorte, imposto pelas circunstâncias de acesso à empiria, a memória se apresentou como elemento chave para a construção dos dados. Não uma memória-verdade ou uma memória-história, mas a memória capaz de atribuir sentidos às vivências, de estimular a curiosidade acerca do vivido, enfim, de fornecer pistas e possibilitar reflexões que abrissem possíveis interpretações do passado, visto a partir do momento presente.

Embora impregnada por aspectos subjetivos, a memória é, ao mesmo tempo, individual e coletiva (POLLAK, 1992; DORTIER, 2010). Mais que isso, ela é um fenômeno construído e, concomitantemente, constitutivo das identidades individuais e coletivas. “*O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização*” (POLLAK, *op. cit.*, p.204).

Marilena Chauí, na apresentação do livro escrito por Ecléa Bosi (1983), *Memória e Sociedade*, afirma que

o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. O tempo da memória é social.

Interessante perceber que para além de se referir ao “*que*” se lembra, Chauí chama atenção para o modo de lembrar, o “*como*” se lembra. Mais que o conteúdo constitutivo das lembranças, a maneira como elas ganham sentido, se conectando ou não a outras, e se cruzando a partir de semelhanças e diferenças com relação às lembranças de outros sujeitos integrantes do grupo social, vai construindo o quadro de significados que constituiria a memória social. O interesse social que o fato lembrado tem para o sujeito, logo, condicionaria o que se lembra e como se lembra.

Halbwachs (2003, p.69), afirma que “*cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes*”. Partindo dessa ideia, seria possível propor que a posição do sujeito social nos diferentes campos⁹(BOURDIEU, 2009) pelos quais transita reforçaria a construção de sua memória em bases determinadas, na medida em que os sentidos dados por cada um às práticas efetivadas num determinado espaço e tempo vão sendo trazidos à tona, a construção de um sentido coletivo dado a essas mesmas práticas descortina.

Na busca desses sentidos e da (re)construção de uma leitura possível para aquele momento histórico foi que essa investigação se desenvolveu. A partir das considerações até aqui expostas e tendo como objetivo a apresentação e análise dos dados dessa investigação, essa tese foi construída seguindo os fios acessados através das memórias. Assim, os capítulos pretendem analisar as práticas estabelecidas à luz das intenções e propostas da instituição, e tendo como referência o diálogo constante com o contexto em que elas se dão.

Perseguindo tal intenção, o capítulo 2, *Um instituto de educação em Nova Friburgo*, incide sobre o contexto de criação do Instituto, do ponto de vista histórico e legal. Indica como a criação de um instituto de educação em meados da

⁹ Marcado por lutas concorrenciais e disputas por posições, cada campo obedece a regras e princípios reguladores próprios, já que é um espaço social relativamente autônomo, possibilitando a posse de capitais específicos mobilizados pelos agentes (BOURDIEU, 2009).

década de 80 se constrói em consonância com as propostas elaboradas pelo governo estadual para a educação, tomada como prioridade num momento de democratização política e social. A ideia de uma educação pública e popular de qualidade tenta sair do papel e encontrar meios para se concretizar de várias formas, inclusive através da criação do Instituto. Aponta como sua concepção se afina às propostas e ideias do governo, encarnadas pela liderança de Darcy Ribeiro. Sua criação, contudo, nasce marcada pelas tensões provocadas pelo local de sua instalação e o desalojamento de uma escola considerada tradicional no município.

Partindo dessa análise, o capítulo seguinte, ***Horizontes de um projeto para a formação de professores/as***, apresenta o documento *Ideologia*, base da proposta pensada para o Instituto. Trabalhando especialmente com o *conceito* e com os *pontos de partida* nele estabelecidos, busco compreender a concepção que subjaz aos mesmos, situando as ideias apresentadas no contexto histórico e educacional em que foi construído. Além disso, procuro mostrar como sua concepção de educação considerada progressista e inovadora acirra as tensões, ultrapassando os portões do colégio e assumindo lugar nos meios de comunicação.

Analisar mais detidamente os chamados *fundamentos* do IENF é o objetivo do capítulo 4, ***Entre conflitos e tensões, as bases para a constituição do Instituto***. Detendo-me nos *princípios fundamentais*, discuto como a liberdade, considerada essencial numa escola democrática, é vivida dentro do Instituto e interpretada fora dele. Ao mesmo tempo, procuro mostrar como um referencial psicológico aparece com força nesses princípios, embora não afilie o Instituto a nenhuma linha específica. Rupturas e permanências, idas e vindas alimentavam percepções e opiniões distintas, inclusive entre alunos/as e professores/as, possibilitando construções identitárias concorrentes e coexistentes.

No capítulo 5, ***Nas práticas, a visibilidade das intenções***, avanço na discussão dos *fundamentos*, agora detendo-me naqueles que categorizei como *meios*, incidindo diretamente sobre as práticas no Instituto. Assim, mostro como, tendo em vista o contexto de sua criação, novos caminhos e estratégias precisaram ser construídos para que aquilo a que se propunha o Instituto tivesse chances de se efetivar. Uma nova forma de avaliação e a ênfase nos processos criativos, inclusive em atividades extraclasse, são discutidos.

Já no último capítulo, *Memória(s) e identidade de um curso de formação de professore/as*, discuto como os estágios aparecem com força nas memórias dos/as ex-alunos/as, especialmente aquele realizado em zonas rurais. Analiso, ainda, as mudanças trazidas pelo Governo Moreira Franco para o Instituto e como as tensões provocam rupturas no projeto anteriormente desenhado. A vivência do curso de formação de professores/as no IENF, porém, deixa marcas e frutos, possibilitando construções identitárias singulares.

Finalmente, no capítulo dedicado às *Considerações finais*, os principais aspectos tratados nos demais são retomados, buscando indicar os sentidos construídos durante a análise dos dados para o processo de criação do IENF.

Vale destacar que essa lógica de construção do texto surgiu da análise dos dados, a partir do que os mesmos trouxeram de significativo. Tendo como referência um paradigma indiciário, essa investigação caminhou nos termos definidos por Ginzburg (2012, pp.177;9): assumindo um “*rigor flexível*” como base do trabalho, compreendo que “*se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la*”. Dessa forma, abro mão de regras gerais e procuro atentar para os elementos imponderáveis, assumindo indícios mínimos como reveladores de fenômenos mais gerais. O cruzamento de fontes de pesquisa se dá, então, como a leitura de pistas que vão dialogando e tomando sentido, como a imagem num *puzzle* que se monta aos poucos.